

**O PESQUISADOR FILÓLOGO NA CONTEMPORANEIDADE:
ATOS DE CONSTRUÇÃO E DE INTERPRETAÇÃO**

Débora de Souza (UFBA)
deboras_23@yahoo.com.br

RESUMO

Na contemporaneidade, mais que em outros tempos, no âmbito da Filologia, compreendida como procedimento crítico, prática de saber-poder atravessada por instâncias sociais, políticas e culturais, os pesquisadores filólogos têm sido convocados a participar de um processo de atualização e de ressignificação de documentos, textos e leituras, por meio da elaboração de edição e de estudo crítico-interpretativo. Nesse lugar teórico, da Filologia em sua relação com outros campos do saber, propomos, neste trabalho, tecer considerações sobre os atos de construção e de interpretação desenvolvidos em nossa tese de doutoramento, no que tange ao Acervo Nivalda Costa e ao dossiê da *Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço*. Tratamos, portanto, de um exercício crítico, colaborativo e sociopolítico sobre a dramaturgia e a artista baiana Nivalda Costa.

Palavras-chave:

Acervo. Filologia. Nivalda Costa.

1. Considerações iniciais

Compreendemos Filologia como um procedimento hermenêutico, dialógico e político usado para a leitura de textos, no qual correlacionamos instâncias material, sociocultural, histórica e política (ALMEIDA; BORGES, 2017), e a Crítica Textual como método crítico usado para a elaboração de edições, e, por conseguinte, difusão de textos e apresentação de outras orientações de leitura. Nesse lugar teórico, em diálogo com outros saberes, nós, membros da Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC), coordenada pela Prof^a Dr^a Rosa Borges (UFBA), temos desenvolvido pesquisas e estudos de natureza diversa, conforme procedimentos metodológicos da Crítica Textual, difundindo parte da produção dramática realizada na Bahia, no período da ditadura militar, a partir da elaboração de edições e da socialização de textos, na graduação e na pós-graduação⁹⁵.

⁹⁵ No Repositório Institucional (RI) da UFBA, podemos consultar as dissertações de Ludmila Antunes de Jesus (2008), Isabela Santos de Almeida (2011), Eduardo Silva Dantas de Matos (2011), Débora de Souza (2012), Williane Silva Corôa (2012) e Mabel Meira Mota (2012), Fabiana Prudente Correia (2013), Liliam Carine da Silva Lima (2014), Carla Ceci Rocha Fagundes (2014) e Hugo Leonardo Pires Correia (2014), e as teses de Arivaldo Sacramento de Souza (2014), Ludmila Antunes de Jesus (2014), Isabela Santos Almeida (2014) e Eduardo Dantas Silva Matos (2014).

Por meio de atos de construção e de interpretação no trabalho com os acervos que compõem o Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC), colocamos em cena documentos que testemunham a história do teatro e sujeitos que atuaram de forma significativa no teatro e na sociedade da época, participando do processo de (re)construção e/ou de atualização da memória do povo baiano (BORGES; SOUZA, 2012). Compreendemos acervo como “[...] conjunto de documentos em papel ou em objetos que testemunham a vida e a obra de um escritor [...]” (BORDINI, 2012, p. 119), bem como “[...] vestígios de um processo criativo, de condições de produção e recepção, de peculiaridades de vidas humanas tornadas texto, ameaçados pelo fluir da História [...]” (BORDINI, 2012, p. 119).

No trabalho com e/em acervos, como filólogo-editor, mediador e intérprete, tomamos decisões críticas, interpelamos documentos e produzimos monumentos, compreendendo e assumindo nosso papel de críticos, que se revisita, se questiona e se (re)inscreve a cada leitura, reconhecendo, em consonância com Hissa (2017 [2013]), que não existe uma verdade nas/e das coisas nem do/e no mundo, o que existem são linguagens, escritas e interpretações articuladas aos modos de pensar, de fazer, de ser e de estar no mundo (SOUZA, 2019).

2. O pesquisador filólogo: atos de construção e de interpretação

Na contemporaneidade, os pesquisadores filólogos têm sido convocados a “[...] problematizar a tradição ocidental [...] e recepcionar todas as possibilidades de crítica humanística, fruto [...] dos movimentos feministas, negro, latino-americanos, asiáticos e de outras tradições [...]” (BORGES; SOUZA, 2012, p. 58), participando de um processo de atualização e de ressignificação de documentos, textos e leituras, por meio da elaboração de edição e estudo crítico-interpretativo de textos.

Entendemos texto, nessa abordagem, como objeto material e social, documento/testemunho de um lugar e de uma época, que, após o crivo do pesquisador, pode vir a tornar-se monumento e remeter ao passado (LE GOFF, 1994). “Texto”, a partir de sua etimologia (tēxtūs/tēxtūm), pensado como trama composta de diversos elementos, materialidades e linguagens, e, por isso, compreende “[...] datos verbales, visuales, orales y numéricos en forma de mapas, impresos y música, archivos de registros

sonoros, de películas, vídeos y la información computerizada [...]”⁹⁶ (MCKENZIE, 2005 [1991], p. 31).

A Filologia, nesse sentido, é ação crítica, gesto de interpretação, construção ética de leitura (SACRAMENTO; SANTOS, 2017), prática de saber–poder atravessada por instâncias sociais, “[...] modo de participação ativa e deliberada na esfera mundana textual, política, cultural, que situa [...] o crítico em relação às circunstâncias de produção de suas intervenções [...]” (SACRAMENTO; SANTOS, 2017, p. 135).

Amplia-se o espaço de construção da leitura filológica (SACRAMENTO; SANTOS, 2017) e reconfigura-se a função social do filólogo-editor – que atua na construção de representações do mundo, na circulação de narrativas e na produção de sentidos –, conforme mudanças ocorridas acerca das concepções de texto, autor e leitor, perspectiva que relacionamos à reflexão epistemológica iniciada em fins do século XX sobre o próprio conhecimento científico, a relevância das condições sociais, dos contextos culturais e da subjetividade nas pesquisas (SANTOS, 2008 [1987]).

Em uma tendência editorial pragmática, de natureza social e política, reconhecemos os acervos e as fontes primárias como textos, respeitando suas especificidades quanto à materialidade, historicidade e instabilidade, tecidos que podem ser lidos, interpretados e ressignificados pelos pesquisadores, em diferentes momentos. Consequentemente, afastamo-nos de uma tendência platônica ou teleológica, de base positivista, embora não descartemos alguns dos procedimentos metodológicos configurados nessa vertente, assim como a contribuição da tradição filológica ocidental, ao longo do tempo, no processo de difusão e de circulação de uma obra para conhecimento de grande público.

Lidamos tanto com a historicidade do texto e da tradição textual, quanto com a historicidade do método filológico, dos fazeres que remontam à antiguidade, atividades assistemáticas, e a meados do século XIX, ao tomar como referência os princípios científicos e as edições elaboradas conforme paradigma positivista, reconhecendo a dupla historicidade da Filologia, atividade histórica (MOREIRA, 2017, informação verbal)⁹⁷.

⁹⁶ Tradução nossa: “[...] dados verbais, visuais, orais e numéricos em forma de mapas, impressos e música, arquivos de registros sonoros, de filmes, vídeos e a informação computadorizada [...]” (MCKENZIE, 2005 [1991], p. 31).

⁹⁷ Informação obtida no minicurso *Crítica Textual e Ecdótica na contemporaneidade* ministrado pelo Prof. Dr. Marcello Moreira, nos dias 13 e 14 de novembro de 2017, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA.

Desde suas origens, por suas atividades de identificação, edição e comentário, esse labor está atrelado à função de salvaguardar a língua e os textos (representantes da verdade absoluta e de sabedoria inquestionável), considerados sagrados.

A prática do comentário, conforme afirma Gumbrecht (2007 [2003]), é um ato de construção do *cânon*, pois quanto mais se comenta uma obra, maior o seu grau de importância, em uma dada sociedade. Tradicionalmente, a Filologia contribui para o processo de canonização, de textos, participando, principalmente, no século XIX, da eleição, do estabelecimento e da difusão de um conjunto de textos ditos autorizados, modelares. A mediação editorial caracteriza-se como prática sociocultural de construção de sentidos que corrobora com o processo de (re)construção da história da literatura, do cânone literário e do mercado editorial.

A partir de fins do século XX, contudo, após reflexões quanto a tendências dicotômicas, hierárquicas e elitistas e de consequentes deslocamentos, e hoje, no seio de uma crítica contemporânea, a Filologia tem-se desenvolvido a partir de um reposicionamento quanto aos paradigmas de cientificidade em vigência nos séculos XVIII e XIX, no que tange, sobretudo, ao princípio de objetividade e ao caráter determinista, condizente com a reformulação epistemológica dos saberes, de base pós-estruturalista.

De acordo com Borges e Souza (2012),

[a] partir das diversas relações estabelecidas entre Crítica Textual e as novas abordagens de Crítica Literária, Sociologia da Arte e da Cultura, Psicanálise e História Cultural, contempla-se a renovação dos hábitos da ‘velha’ Filologia. Assim, pode-se entender a Crítica Textual (Filologia *stricto sensu*) como um feixe de práticas de leitura, interpretação e edição que, a um só tempo, consideram como objeto, de modo indissociável, **língua, texto e cultura**. (BORGES; SOUZA, 2012, p. 21) (grifo do autor)

Nesse exercício, temos propiciado o conhecimento da história do texto e a revisão de narrativas e discursos, a partir da pesquisa em arquivos e acervos, do estudo dos contextos de produção, transmissão, circulação e recepção, e da investigação dos sujeitos, mediadores, envolvidos nesses processos. Realizamos uma crítica do documento, uma crítica filológica que se faz na interação entre diversos saberes, na busca por “[...] compreender as inter-relações entre os conteúdos produzidos historicamente no texto e os mecanismos (lingüístico-discursivos) produtores de significados no texto [...]” (BORGES; SOUZA, 2012, p. 48).

Nessa atividade interpretativa de “[...] leitura dos textos a partir das coordenadas e diretrizes histórico-culturais que os tornaram possíveis [...]” (BORGES; SOUZA, 2012, p. 58), o filólogo-editor assume diferentes papéis, o que implica diferentes tipos de construções subjetivas, de (inter)mediações culturais, de estilos de prática filológica. Então, “[...] no podemos involucrarnos con un texto editado [...] sin comenzar a preguntarnos quién habrá sido el editor y qué principios habrá seguido al establecer el texto”⁹⁸ (GUMBRECHT, 2007 [2003], p. 41).

Ao longo do tempo, teorias e métodos editoriais passam por reformulações e transformações, a fim de atender a determinadas circunstâncias relativas à natureza plural do texto, o qual orienta a atividade do filólogo-editor, os procedimentos e os resultados editoriais. Para exemplificar nosso exercício, neste trabalho, propomos tecer considerações sobre os atos de construção e de interpretação realizados quanto ao Acervo Nivalda Costa (ANC), parte integrante do ATTC, dando a conhecer as atividades que desenvolvemos em nossa tese de doutoramento⁹⁹ junto à ETTC, sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Borges (UFBA), em um exercício crítico, colaborativo e sociopolítico.

3. Na trama do acervo Nivalda Costa: escritas, memórias e (re)leituras

Dando continuidade aos estudos realizados desde a iniciação científica¹⁰⁰, na tese de doutorado, propomos elaborar um arquivo hipertextual do dossiê¹⁰¹ da *Série de estudos cênicos sobre poder e espaço* (SECPE),

⁹⁸ Tradução nossa: “[...] não podemos tomar um texto editado [...] sem começar a nos perguntar quem terá sido o editor e quais princípios terá seguido ao estabelecer o texto” (GUMBRECHT, 2007 [2003], p. 41).

⁹⁹ Elaboramos e defendemos a tese *Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço, de Nivalda Costa: arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico*, no Curso de Doutorado, na linha de pesquisa *Crítica e processos de criação em diversas linguagens*, ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA, sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Borges (UFBA).

¹⁰⁰ Atuamos como bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) no desenvolvimento do subprojeto *Transcrição e edição de textos teatrais censurados com cortes (monotestemunhais)*, no período 2008/2009, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus I*, em Salvador.

¹⁰¹ “Conjunto de documentos relacionados entre si por assunto (ação, evento, pessoa, lugar, projeto), que constitui uma unidade de arquivamento” (ARQUIVO..., 2005, p. 80, s.v. *dossiê*).

pertencente ao ANC, composto por edições e documentos, plataforma de estudo crítico a partir da qual é possível dar a conhecer e a ler parte significativa da dramaturgia da baiana Nivalda Costa (4 de maio de 1952 – 9 de julho de 2016), bem como a atuação dessa mulher, como intelectual, dramaturga e diretora negra, no contexto da ditadura militar na Bahia.

Ao longo do curso, realizamos as atividades de (i) desenvolvimento de proposta de sistematização dos documentos dos acervos do ATTC; (ii) organização do ANC, catalogando e inventariando os documentos por séries e subséries; (iii) constituição e interpretação do dossiê da SECPE; (iv) revisitação e elaboração de edições dos textos da série (fac-similar, interpretativa, crítica e sinóptico-crítica); (v) (re)visitação de projetos editoriais eletrônicos e elaboração de um arquivo hipertextual do dossiê; (vi) construção de uma leitura crítico-filológica acerca da atuação de Nivalda Costa (SOUZA, 2019).

Empreendemos, no âmbito da Filologia em diálogo com a Arquivística, a tarefa de organização do ANC, realizando sistematização, catalogação e inventariação de documentos. Ao longo dos anos, temos construído esse acervo, reflexo de uma prática de pesquisa coletiva e de diferentes atividades de registro dos documentos, de digitalização, após consulta e captura das imagens em instituições de guarda; de catalogação e inventariação dos documentos; de pluralização, na incorporação ao ATTC; e de ampliação da possibilidade de circulação e de (re)inserção como parte da memória social.

Ressaltamos a distinção existente entre o labor do filólogo (de edição e estudo crítico-interpretativo) e o labor do arquivista (de sistematização de arquivos públicos e/ou privados), pondo em evidência nossa proposta de organizar o acervo como um recurso para constituir o dossiê da SECPE e interpretar parte significativa da produção dramaturgicamente de Nivalda Costa.

Nessa atividade de organização dos acervos¹⁰², respeitamos a proveniência e a funcionalidade dos mesmos, levando em conta a problematização quanto à noção de “originalidade” e o reconhecimento da relevância do contexto sócio-histórico nos estudos pós-modernos. Tomando

¹⁰² “A proposta de organizar o Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC) surgiu como atividade da LET 686 Estudos de Acervos Documentais, no segundo semestre de 2015. Para tal fim, construímos um modelo para organização dos acervos e o colocamos em prática com os dramaturgos em estudo, João Augusto (por Rosa Borges, no que tange ao *Quincas Berro d’Água*), Nivalda Costa (por Débora de Souza) e Deolindo Checucci (por Carla Fagundes) [...]” (SANTOS, 2018, p. 106).

por base o *Manual de Organização do Acervo Literário de Érico Veríssimo*, de Maria da Glória Bordini (1995), propomos a catalogação dos documentos em dez séries: 01 Produção Intelectual; 02 Publicações na Imprensa e em Diversas Mídias; 03 Documentação Censória; 04 Esboços, Notas e Rascunhos; 05 Documentos Audiovisuais e Digitais; 06 Correspondência; 07 *Memorabilia*; 08 Adaptações e Traduções; 09 Estudos; 10 *Varia*.

Em relação ao ANC, reunimos, até à defesa da tese, 339 documentos digitalizados, datados de 1973 a 2016, referentes, principalmente, ao espetáculo, à imprensa e à censura teatral, acerca da produção e da atuação de Nivalda Costa (SOUZA, 2019). Nessa organização, que fornece pistas quanto à nossa mediação filológica, a qual orienta a consulta e a leitura dos documentos por outros sujeitos, o texto teatral é pensado como “centro provisório” (BORGES; SOUZA, 2012), parte de uma rede composta por diferentes “centros”, pontos móveis que podem ser expandidos a depender do olhar e do propósito do pesquisador, e é lido em sua relação com os demais documentos do acervo, todos reconhecidos, respeitados e preservados.

A organização possibilitou uma visão do ANC, dos documentos que o compõem e dos diferentes arquivos/acervos de proveniência dos mesmos (tais como o Núcleo de Acervo do Espaço Xisto Bahia, a Coordenação Regional do Arquivo Nacional no Distrito Federal (Fundo Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), Série Teatro) e o setor de periódicos da Biblioteca Pública do Estado da Bahia), além de provocar reflexões quanto à dispersão da produção intelectual, correlacionada ao perfil do sujeito Nivalda Costa e às redes de sociabilidade, aos processos de circulação e recepção e ao papel do pesquisador filólogo (SOUZA, 2019).

Após a organização do acervo, em pasta de arquivo, no computador, e de catalogação de todos os documentos, passamos a trabalhar na constituição do dossiê da SECPE para posterior interpretação. Constituímos o dossiê, composto 272 documentos em um espaço individual, integrado por seis subdossiês referentes a textos teatrais censurados, e começamos a revisar as fichas-catálogo dos testemunhos dos textos realizadas anteriormente, bem como a elaborar outras fichas, conforme modelo da ETTC, para os documentos da imprensa e da censura, contemplados nas séries “Publicações na Imprensa e em diversas mídias” e “Documentação Censória”, conjunto que corresponde ao maior volume do dossiê. Con-

comitantemente, ao longo desse processo, inserimos novos documentos (SOUZA, 2019).

Trabalhamos na qualidade das imagens, arquivadas em formato JPEG, e elaboramos um termo de responsabilidade para que se tenha acesso aos documentos, composto de oito cláusulas, em que o usuário declara estar ciente do disposto nas Leis nº 9.610/98 e nº 12.527/11, quanto aos Direitos Autorais e ao Acesso a Informações. Em seguida, construímos arquivos PDF dos documentos do dossiê, formato que permite exibir e compartilhar documentos, independentemente do sistema operacional, em modelo criado pela ETTC, reunindo, respectivamente, a ficha-catálogo, com breve descrição e resumo (para os textos teatrais, documentos da imprensa e documentos da censura, para os demais, apresentamos somente referência e procedência), o termo de responsabilidade e o fac-símile.

Passamos, posteriormente, à revisitação e à elaboração de diferentes edições dos textos da série, tomando por base modelos editoriais desenvolvidos por esta pesquisadora e por outros membros da ETTC, a fim de propiciar diferentes orientações/modos de leitura e, por conseguinte, potencializar as possibilidades de estudos críticos dos textos. Apresentamos edições, fac-similar, interpretativa, crítica e sinóptico-crítica, destinadas a um público heterogêneo, formado tanto por especialistas, do campo do teatro, da história e das letras, principalmente, quanto por pessoas comuns, interessadas na produção teatral de Nivalda Costa.

Em concomitância a esta elaboração, revisitamos projetos editoriais eletrônicos elaborados por membros da ETTC, e conforme, principalmente, os trabalhos realizados por Almeida (2014), Mota (2017) e Correia (2018)¹⁰³, elaboração um arquivo eletrônico do dossiê da SECPE, explorando o meio eletrônico (ambiente, recursos e programas), sua interface hipertextual e hiperídia na configuração de um projeto que permite representar, historicizar e documentar parte da produção censurada e da atuação de Nivalda Costa no teatro baiano, nas décadas de 1970 e 1980.

Construímos o Arquivo Hipertextual do dossiê da SECPE, a equipe formada por esta pesquisadora, um analista de sistemas, uma *designer* gráfica e a filóloga Rosa Borges, fundamentados em princípios definidos por Shillingsburg (1993) para a elaboração de edições eletrônicas e, con-

¹⁰³ Consultemos os *websites* <http://www.juremapenna.com>, www.arivaldomatos.com e www.acervorobertoathayde.com.

siderando o trabalho editorial com documentos de acervos literários, recomendações apresentadas por Barreiros (2018). No arquivo, acessível a partir de *website*, no domínio <http://acervonivaldacosta.com>, disponibilizamos uma barra de menus, com os itens: *Apresentação*, orientando o usuário em relação ao projeto de pesquisa, às partes do arquivo e ao funcionamento do site; *A autora*, trazendo a trajetória e a produção intelectual de Nivalda Costa; *O acervo*, dando a conhecer o dossiê da SECPE e, de forma sistemática, todos os documentos do ANC; *Consulta*, direcionando o usuário para uma ferramenta de busca que pode ser usada para consulta individual dos documentos dos dossiês, em PDF; *Edições*, com edição fac-similar digital de todos os testemunhos dos seis textos, edição interpretativa de *Glub! Estória de um espanto*, edição crítica de *Aprender a nadar* e edição sinóptico-crítica de *Vegetal vigiado*, as três últimas em formato hipermídia¹⁰⁴, além dos critérios e textos críticos, em formato de impressão; *Contato*, espaço privilegiado de interação e de troca entre editor e usuários.

A partir dessa plataforma, das edições e dos documentos, construímos uma leitura crítico-filológica dos diferentes papéis assumidos por Nivalda Costa, na condição de dramaturga, diretora e intelectual. Tecemos uma leitura filológica de sua atuação e imagem, ressaltando, inicialmente, a figura da intelectual negra e suas redes de sociabilidade, em diferentes campos e instituições, colocando em primeiro plano seu envolvimento em projetos artísticos, culturais e populares. Em seguida, focamos em sua trajetória no campo do teatro, na década de 1970, como dramaturga e diretora, tecendo uma leitura da artista e da SECPE, considerando o contexto sociocultural.

Nivalda Costa, estudiosa, pesquisadora nata, ao longo de sua vida, desempenhou papel de intelectual, de dramaturga e de diretora, e buscou, incessantemente, conhecimento, em diferentes domínios/campos, empreendendo leituras críticas, antropológicas e antropofágicas, dentro e fora da academia, em uma produção de saber e de poder, por meio da qual atuou como produtora e mediadora cultural, na promoção de informação e de reflexão, impactando a formação de crianças e adolescentes.

Em sua trajetória, Nivalda Costa, de acordo com suas experiências, pesquisas e vivências, lutou contra a repressão, a censura e o pre-

¹⁰⁴ Integramos e relacionamos, por meio de *hyperlinks*, material multimídia, texto, som, imagem e vídeo, remetendo para páginas e sites da internet e/ou para documentos do acervo (SOUZA, 2019).

conceito, considerando o inerente enlace entre as instâncias étnico-racial, sexual, de gênero, econômica, social, cultural e política; produziu textos/discursos em uma perspectiva epistemológica transgressora e dialógica; promoveu atividades socioculturais, práticas de resistência; participou de movimentos e manifestações, sempre articulada a grupos de intelectuais, escritores, militantes, artistas, dentre outros.

O desenvolvimento de nossa tese de doutorado resulta de atos de construção e de interpretação desenvolvidos ao longo de anos, junto à ETTC, de um compromisso sócio-político, cultural e acadêmico de dar a ler, em rede, documentos-testemunhos do teatro baiano, por meio de programas computacionais aplicados à prática editorial e à crítica filológica, assim como de dar a conhecer Nivalda Costa, colocando em cena determinados acontecimentos, produções e sujeitos, possibilitando (re)leitura da história e (re)construção da memória do nosso povo.

4. *Considerações finais*

Para cumprir nosso propósito, nós pesquisadores filólogos transitamos por diferentes caminhos e tomamos de outros campos teórico-metodológicos recursos para a prática filológica, estabelecendo vínculos entre saberes, conforme nosso objeto de estudo e nosso objetivo de pesquisa. Na tese, estreitamos laços com diferentes áreas do conhecimento, principalmente com a Arquivística e a Informática, atuando no processo de representação, historicização e de (des)articulação de narrativas e de discursos, pelo viés do tecido-texto, (re)construído na trama do acervo, por um lado, ao preservar, documentar e difundir os textos da série, por meio da apresentação das edições, e, por outro, ao possibilitar o (re)conhecimento de Nivalda Costa, mulher negra que atuou de forma significativa na cena baiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Isabela Santos de. *A crítica filológica nas tessituras digitais: arquivo hipertextual e edição de textos teatrais de Jurema Penna*. 2014. 321 f. 2 v. (um volume em site). Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27557>. Acesso em: 20 nov. 2018.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ALMEIDA, Isabela Santos de; BORGES, Rosa. Edição e crítica filológica do texto teatral censurado. In: *Revista da ABRALIN*, v. 16, n. 3, p. 19-49, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/>. Acesso em: 10 set. 2017.

ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: www.arquivonacional.gov.br. Acesso em: 16 nov. 2018.

BARREIROS, Patrício Nunes. Princípios e critérios para edições digitais de documentos de acervos literários. In: ALMEIDA, Isabela Santos de; BARREIROS, Patrício Nunes; SANTOS, Rosa Borges dos (Orgs). *Filologia e humanidades digitais*. Feira de Santana: EDUEFS, 2018. p. 281-317

BORDINI, Maria da Glória. A função memorial dos acervos em tempos digitais. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos (Orgs). *Filologia, críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012. p. 119-60

BORDINI, Maria da Glória. Manual de Organização do Acervo Literário de Erico Verissimo. In: *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, v. 1., jan. 1995.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa *et al.* *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.

CORREIA, Fabiana Prudente. *Filologia e Humanidades digitais no estudo da dramaturgia censurada de Roberto Athayde*: acervo e edição de *Os desinibidos*. 2018. 348 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

GUMBRECHT, H. U. *Los poderes de la Filología*: dinámicas de una práctica académica del texto. Trad. de Mazzuchelli. México: Universidad Iberoamericana, 2007 [2003].

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *Entrenotas*: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: EDUFMG, 2017 [2013].

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: EDUNICAMP, 1994.

MCKENZIE, D. F. *Bibliografía y sociología de los textos*. Trad. de Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005 [1991].

MOREIRA, Marcello. Crítica Textual e Ecdótica na contemporaneidade. In: *MINICURSO*, nov. 2017, Salvador, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA.

MOTA, Mabel Meira. *Filologia e Arquivística em tempos digitais: o arquivo hipertextual e as edições filológicas de A Escolha ou o Desembestado de Ariovaldo Matos*. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SACRAMENTO, Arivaldo; SANTOS, Lucas de Jesus. A Filologia como ética de leitura. In: *Revista da ABRALIN*, v. 16, n. 2, p. 129-68, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2008 [1987].

SANTOS, Rosa Borges dos. Dramaturgia censurada em arquivo digital: acervos e edição. In: ALMEIDA, Isabela Santos de; BARREIROS, Patrício Nunes; SANTOS, Rosa Borges dos (Orgs). *Filologia e humanidades digitais*. Feira de Santana: EDUEFS, 2018. p. 103-30

SHILLINGSBURG, P. *General Principles for Electronic Scholarly Editions*. 1993. Disponível em: <http://sunsite.berkeley.edu/>. Acesso em: 28 mar. 2017.

SOUZA, Débora de. *Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço, de Nivalda Costa: arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico*. 2019. 449 f. 2 v (um volume em site). Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.